

COTIDIANO EM FOCO: AÇÕES (AUTO)FORMATIVAS NO ÂMBITO DO PIBID 3/UFPEL

DANIELA PEREIRA SANTOS¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹ UFPEL, Artes Visuais Modalidade Licenciatura – *danisantos.21@hotmail.com*

² UFPEL, Artes Visuais Modalidade Licenciatura - *attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo problematizar os resultados parciais de uma investigação em desenvolvimento no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/3 UFPEL, no subprojeto das Artes Visuais, através do projeto “Cotidiano em Foco”. Projeto esse, constituído por um conjunto de atividades teóricas e práticas versando sobre a Fotografia no contexto da Cultura Visual contemporânea, proposto para estudantes da Educação Básica de três escolas participantes do PIBID 3/UFPEL: I.E.E. Assis Brasil, Monsenhor Queiroz e Santa Rita. As atividades têm como foco a construção e utilização de câmeras fotográficas artesanais, também conhecidas como câmeras *pinhole*¹, sendo que apresentamos um tipo específico de câmera caracterizada pela utilização de uma lata de sardinha como base para sua construção, e do uso de filme fotográfico como material fotossensível.

A capacidade de produzir e difundir imagens se transformou num dos eixos centrais do funcionamento das sociedades contemporâneas, sendo que o papel fundamental da Fotografia nesse contexto é inegável. Basta para isso refletirmos sobre o crescente uso de seus aparatos técnicos entre os jovens, independente de classe social.

Com a fotografia inicia-se um percurso diferente em direção a novos/outros modos de descrever/escrever o mundo. Assim como a escrita ortográfica sistematizou as manifestações subjetivas sobre a cultura humana, a *foto-grafia*, fruto do olhar humano mediado pela tecnologia, instaura criativas construções discursivas, outras *graphias* simbólicas mediando as nossas relações com o mundo. (BRANDÃO, PERES, 2008, p. 2)

Portanto, dada à potencialidade discursiva dos materiais fotográficos e a sua larga utilização na atualidade, surge uma demanda pontual, a de que os estudantes saibam lidar com essa realidade, posicionando-se como mediadores frente às imagens assimiladas, que formam e informam os indivíduos. Sendo assim, discutir sobre a fotografia como recurso e meio para uma educação mais crítica é objetivo desta proposta, no entendimento de que ela possibilita a aproximação do outro ao nosso próprio olhar e a produção de provocações e reflexões. Além disso, ela estimula a educação do olhar e contribui para aproximar o olhar dos sujeitos dos objetos representados, numa interação que se dá através da comunicação em suas múltiplas possibilidades (SONTAG, 2008), oportunizando momentos de fruição de arte e gerando espaços diferenciados de produção de conhecimento de forma interdisciplinar (ALVES e SGARBI, 2001).

¹ Termo que vem do inglês *pin-hole*, referindo-se ao *buraco de uma agulha*, forma como é feito o furo que permite a passagem de luz para o interior destas câmeras.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, compreendendo procedimentos metodológicos que incluem: estudos teóricos e práticos sobre Fotografia; construção de “câmera-sardinha”; discussões acerca das expressões artísticas contemporâneas, a Cultura Visual e suas tecnologias; e análise do caráter simbólico das imagens fotográficas produzidas. Partindo de atividades práticas que possibilitaram a construção e experimentação da “câmera-sardinha” pelos bolsistas PIBIDIANOS, ministrada por integrantes do PhotoGraphien – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), foi possível a aproximação do grupo das discussões acerca da fotografia artesanal, relacionando tais conhecimentos aos conteúdos presentes nos currículos escolares.



Figura 1: **Carine Rodriguez.** Estrutura da lata de sardinha, fotomontagem, 2012.

A construção da câmera-sardinha (Figura1) consiste basicamente em dividir seu interior em três compartimentos (os dois das extremidades para os filmes – um vazio e um cheio – e o do meio para a exposição do filme à luz). A lata deve ter um furo na lateral que coincida com o local de colocação da bobina vazia, pois neste furo será colocado o eixo (que pode ser uma bucha plástica para parafuso) que possibilitará avançar o filme fotográfico do recipiente cheio para o vazio. Seu interior deve estar totalmente escuro, para isso pintamos de tinta PVA preta ou forramos com fita isolante. Um furo deve ser feito centralizado na lata de sardinha para a entrada de luz. Este furo é feito com um prego, no entanto, após deve ser tapado com papel alumínio e este furado com uma agulha de insulina, de forma a diminuir ao máximo o seu diâmetro. Este furo ficará tapado por um pedaço de fita isolante ou por algum outro tipo de tampa adaptada e só será aberto durante os segundos de exposição do filme à luz. A lata é fechada/vedada com uma tampa feita de papelão e EVA, presa com elásticos. Os resultados obtidos são avaliados considerando as particularidades de cada câmera e o material fotossensível utilizado. Além disso, durante as experimentações devem ser anotadas as condições em que cada foto foi feita (tipo de iluminação, horário, tempo de exposição, distância do objeto) para que as análises posteriores das imagens permitam chegar-se às condições ideais de funcionamento das câmeras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como é possível perceber, o processo artesanal instaura um tempo diferenciado que contrasta com a possibilidade de resultados instantâneos proporcionados pelos equipamentos digitais. As imagens produzidas são imprevisíveis, e sempre surpreendentes.

Os resultados obtidos pelos integrantes do grupo das Artes Visuais-PIBID 3 em suas experimentações com as câmeras-sardinha (Figura 2) demonstram as

inúmeras possibilidades dos processos fotográficos artesanais e as distorções produzidas na representação da realidade. São imagens que surpreendem e por si só problematizam a visão como reconhecimento fidedigno do mundo ao redor.



Figura 2: **Mirela Oliveira, Thaís Machado e Daniela Santos.**
Fotografias pinhole, 2013.

Tais imagens nos aproximam do contexto cotidiano através de fotografias elaboradas sem critérios de identificação com o real, colocando em questão o papel das imagens e a finalidade/objetivo de suas produções. Esse fato determina a necessidade de se preparar os escolares para o entendimento dos códigos da nova visualidade digital que permeiam o nosso cotidiano.

Para um maior entendimento do processo de geração das imagens artesanais, as atividades com os escolares começaram com experimentações em uma câmera escura construída em papelão, na qual os estudantes entraram e tiveram a oportunidade de comprovar o fenômeno de inversão das imagens. Com isso, os estudantes foram confrontados o próprio fenômeno da visão, desestabilizando as certezas acerca dos modos como enxergamos o mundo.

Tal iniciativa dinamizou as posteriores discussões, acionando processos educativos que viabilizaram leituras visuais do contexto vivencial através de uma prática incorporada ao cotidiano dos sujeitos contemporâneos, a de fotografar. A abordagem da história da fotografia detonou assuntos como a banalidade da imagem e a facilidade de se fotografar na era digital, e as consequentes implicações, pois “o homem contemporâneo urbano vive submerso por uma proliferação incontrolável de imagens. Vive-se numa imersa e irreversível *imagoteca* universal, proporcionada principalmente pelos meios de comunicação” (VENTURELLI, 2004, p.85).

Para uma maior aproximação e entendimento das questões físicas e químicas implicadas na geração da imagem foram estabelecidas relações com os conteúdos curriculares com a colaboração dos professores das turmas, gerando, assim, espaços de discussões interdisciplinares.

4. CONCLUSÕES

Com as atividades desenvolvidas até então, concluímos que se a imagem fotográfica faz parte da vida dos alunos, cabe também à escola capacitá-los para novos/diferentes modos de apreensão e leitura desses materiais. Os exercícios de experimentação possibilitaram aos envolvidos a percepção da necessidade de um processamento crítico dos elementos visuais que nos apresentam um universo complexo, muito além da mera representação do real.

Acostumados com a instantaneidade dos processos fotográficos contemporâneos, os escolares se surpreenderam com o tempo e o envolvimento diferenciados que os artesanais exigem. E assim eles conseguiram entender, através da vivência dos imprevistos propostos pelos processos aqui apresentados, que é possível romper com a linearidade dos processos digitais

contemporâneos em busca do sonho e do devaneio poético, do exercício da imaginação e da criatividade, na realização de imagens que fogem dos padrões previamente estabelecidos pelos novos recursos tecnológicos. Isso, pois a câmera-sardinha nos convoca a refletir sobre o conceito de imagem e os seus processos de geração, sendo que os processos educativos relacionados à Fotografia envolvem o conhecimento de seu desenvolvimento histórico, a sua valorização como produto artístico e a exploração criativa das intrínsecas relações que constituem seus fazeres.

Concluimos que as práticas desenvolvidas provocaram fissuras na percepção dos envolvidos, colaborando para o rompimento da banalização das práticas fotográficas e seus produtos. Mais que tudo, elas contribuíram para dar diferentes significados aos modos de construir, perceber e se emocionar com a captação do mundo através de fotografias. Portanto, é possível considerar que a utilização de práticas fotográficas artesanais no cotidiano escolar produz conhecimentos capazes de auxiliar não só no desenvolvimento de projetos artísticos, mas também pode desencadear processos reveladores dos contextos vivenciais dos sujeitos fotógrafos, mobilizando saberes e operações complexas no manuseio da fantasia e de repertórios conceituais, e colaborando para o desenvolvimento de estudantes mais conscientes, críticos e participantes através de ações (auto)formativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (orgs.). **Espaços e Imagens na Escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRANDÃO, Cláudia e PERES, Lúcia. **A fotografia como graphias de memórias:** das professoras em nós. In: MEMÓRIAS DOCENTES: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. 1 ed. Brasília: Liber Livro Editora Ltda, 2009.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VENTURELLI, Suzete. **Arte: espaço tempo imagem** / Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.